

ADOTAR TEM A VER COM AMAR NÃO COM VIOLENTAR

Pensar em ter filho ou filha é algo muito sério. Quando tivemos a idéia de ter filho(a) sempre consideramos diversos fatores. O momento de nossa vida familiar, nosso momento profissional, os estudos, enfim uma série de fatores. Porém, o principal é que pensamos em ter filho(a) porque realmente gostamos de crianças, esse é o ponto inicial e principal. Claro que não precisamos ser pais e mães para gostarmos de crianças, mas precisamos gostar de crianças para sermos pais e mães. Então o principal tínhamos a certeza de que amaríamos nosso(a) filho(a).

Há vinte e um anos nasceu nosso filho Clairton foi uma alegria na família, foi o primeiro neto dos meus pais. Foi um momento importante para nós porque os dois estavam empregados e tínhamos condições de criá-lo bem. Contudo, após alguns anos descobrimos que o Clairton tinha uma doença genética progressiva não diagnosticável. Bem, primeiro foi difícil aceitar essa idéia de que nosso filho tinha a doença. Segundo fomos atrás de todos os recursos disponíveis ao nosso alcance para tentarmos reverter essa situação. Não foi possível. Fizemos tudo o que foi possível para que nosso filho tivesse a melhor vida até os 12 anos de idade.

Após esse período é normal que não se pense em ter outro(a) filho(a). Porém, depois de alguns anos eu e minha companheira voltamos a falar em ter um(a) filho(a). Percebemos que ambos tinham esse desejo de sentir o amor de um(a) filho(a) novamente. Temos nosso amado cachorro Bidú, um pastor alemão muito especial. Entretanto, queríamos mais, queríamos voltar a sentir aquele prazer de colocar a criança para dormir e dormir junto com ela, brincar, passear, abraçá-la, beijá-la. Daí que nos perguntamos por que não adotar um(a) filho(a). Há quatro anos e oito meses atrás nos inscrevemos na lista de adoção.

Ana Carolina nasceu dia 15 de setembro de 2009, três dias depois estava em nossos braços. Foi rápido, depois do aviso do Juizado da Infância e da Juventude, e apesar da espera da fila, estar com a Ana Carolina. Ela nasceu e em poucos dias estava vivendo conosco, sob nossa responsabilidade e que responsabilidade. Tem sido um desafio permanente amá-la e cuidá-la com toda nossa atenção. Contudo, muito mais do que um desafio tem sido um grande privilégio humano poder ter esse ser pequeno, frágil, sensível, em nossos braços, cuidando-o com a maior dedicação. A Ana tem trazido alegria e felicidade para a vida das nossas famílias e amigos. Como disse uma colega e amiga logo depois que Ana Carolina estava conosco: “Serginho você está falando cantando”. É isso uma criança na vida da gente nos faz cantar, nos anima, nos traz mais sentido ainda para viver. Para nós que lutamos, há muitos anos, pelos direitos delas mais ainda.

Agora, quando leio que uma promotora espanca uma criança até deixá-la sem condições de enxergar fico triste pelo sofrimento da menina. Porém, além disso, penso que o sistema de garantia de direitos da criança deve aprimorar essa questão na adoção de crianças. Teríamos que, necessariamente, ter um acompanhamento por um tempo pré-determinado das famílias e pessoas que adotaram e das crianças adotadas. Isso porque o princípio do gostar, do amar as crianças não prepondera muitas vezes, tornando as crianças vítimas na mão de pessoas que não as amam, por inúmeros motivos imagináveis e inimagináveis.

No dia Nacional contra o abuso e exploração sexual e violência contra as crianças, antes e após o dia temos que refletir como podem ser aprimoradas as redes de proteção e o sistema de garantia de direitos. Além da razão e do bom senso para a efetivação dos direitos, precisamos, também, reforçar que a adoção é um ato de extremo amor, mas que deve ser acompanhada por um período razoável, reduzindo assim os riscos daquelas que são mais vulneráveis, ou seja, as crianças.

Sergio A.E. Soares – coordenador KNH Brasil Sul – 18.05.2010